

12 fev. a 30 mar.

inauguração

2.ª feira às 18h



2.ª a 6.ª feira 10h às 19h

sábado 10h às 14h

sala de exposições

entrada livre

FUSÃO II



magnificência,
luz e fusão II

de Ilídio Candja Candja

curadoria: Titos Pelembe

magnificência, luz e fusão II

'... Eboussi Boulaga¹ afirma que a africanidade é por essência diaspórica. O que quer dizer que a ideia de africanidade e a luta pela sua afirmação nascem fora do continente' in Severino Ngoenha [2016-35].

A criação pictórica de Ilídio Candja Candja [n. 1977. Maputo] faz parte de um profundo processo de autodeterminação introspectiva que há muito vem sendo instigado e teorizado como 'arte da diáspora africana', onde as raízes e vivências da extensa e diversificada mãe África, incluindo a sua diáspora, encontram espaço para a sua [re]imaginação, [re]criação contemporânea no campo das artes visuais e cidadania. A sua génese pode ser muito bem situada dentre vários momentos históricos, por exemplo, a partir da revolução sócio-cultural e política desencadeada nos Estados Unidos da América nos primórdios do século XX, especificamente em Harlem. 'A partir dos anos 1918, assistiu-se, entre os negros dos EUA, a um florescimento artístico e literário sem precedentes' [Severino Ngoenha, 2016 - 38]. Esta revolução ficou mundialmente conhecida como 'Harlem Renaissance' ou 'New Black Movement' na sequência celebrativa da célebre antologia 'The New Negro'² [1925].

De acordo com o pensamento da museóloga e historiadora de arte moçambicana Alda Costa esta denominação artística 'arte da diáspora africana' é uma categoria recente que tem vindo a impor-se em várias exposições internacionais. Com destaque para 'Looking Both Ways. Art of The Contemporary African Diaspora - Museum for African Art em Nova Iorque, [2003]. Das Esquinas do Olhar - Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 2005'. Ainda de acordo com a autora supracitada, o renomado poeta, crítico de arte e curador Okwui Enwezor [n.1963 - 2019], ao longo da sua carreira curou várias exposições e publicações nesse sentido, algumas das quais apresentadas 'em vários museus europeus e norte americanos, em 2001 e à Documenta II, em Kassel em 2002' [2013: 366 - 371].

De outro modo, vários estudos multidisciplinares esmiúçam-se sobre o assunto [Anna Rastas e Kaarina Nikunen, 2019, Jacqueline Francis, 2013, entre outros]. Sendo que as acções expositivas que Ilídio Candja Candja tem vindo a empreender desde a sua mudança voluntária de Moçambique para Portugal em 2006, cujas motivações derivam primordialmente das necessidades profissionais. De que as mesmas não são alheias às várias transformações globais ocorridas principalmente no final do século XX até então. Parafraseado a perspectiva dos curadores Okwui Enwezor e Olu Oguibe [1999: 9-10], dos

quais destacam neste contexto: o fim do apartheid na África do Sul; o surgimento de eventos, exposições e bienais no interior do continente, bem como na arena internacional, onde alguns artistas africanos estabelecidos tiveram a sorte de maior circulação e visibilidade global. Do mesmo modo, que pode ser compreendido o processo incipiente de internacionalização do trabalho do Candja Candja, da sua cidade natal Maputo para o Porto e daí para o mundo sem fronteiras. Por conseguinte, o seu trabalho tem conhecido uma presença progressiva em alguns circuitos internacionais, desta feita notabilizam-se passagens colaborativas em galerias de relevo na Europa, Estados Unidos e África do Sul. Este processo, por um lado, marca a fusão da vivência do artista com os dois mundos bipolares. Sendo o primeiro existente a nível psicológico do qual é ainda nutrido pelas memórias nostálgicas colectivas e pessoais carregadas de emoções 'maningue nices', à maneira moçambicana: 'txova-xitaduma', como muito bem cantou e encantou o músico Francisco Mahecua: 'moda xicavalo, a marrabenta, senta-baixo (...), axidlacula-guinha (...)'. Em contrapartida, o segundo horizonte é impulsionado pela resiliência na condição estereotipada de imigrante, estrangeiro, exótico, a priori muitas das vezes subalternizado em diferentes domínios sociais de que as artes não são excepções.

Portanto, 'A Magnificência, Luz e Fusão II' enquanto tema da presente exposição individual de Ilídio Candja Candja, abre várias possibilidades de análise, a começar pelas as mais imediatas que o título suscita. O termo magnificência pode ser explorado de múltiplas maneiras, à vista disso, neste cenário alude a grandiosidade introspectiva no domínio criativo com o recurso à pintura. Mas por outro modo, igualmente instiga a busca incessante da harmonia pictórica estimulada pela luz espiritual fundida nas raízes das culturas ancestrais e contemporâneas primordialmente africanas. Candja Candja revisita, deste modo, o passado pelas lentes da contemporaneidade. Dentre vários autores precedentes, o filósofo moçambicano Severino Ngoenha [2020] propõe o regresso ao futuro através das proezas de Eduardo Mondlane³, enquanto que o artista nigeriano, historiador de arte e curador Ugochukwu - Smooth C. Nzewi [2020], autor da destacada obra 'Second Careers', por sua vez explora as profundas conexões existentes

¹Eboussi Boulaga [n. 1934 - 2018] foi um filósofo camaronês autor das notáveis obras: Bantou problématique [1968], La démission [1974], La Crise du Muntu [1977] e Christianisme sans fétiche [1981].

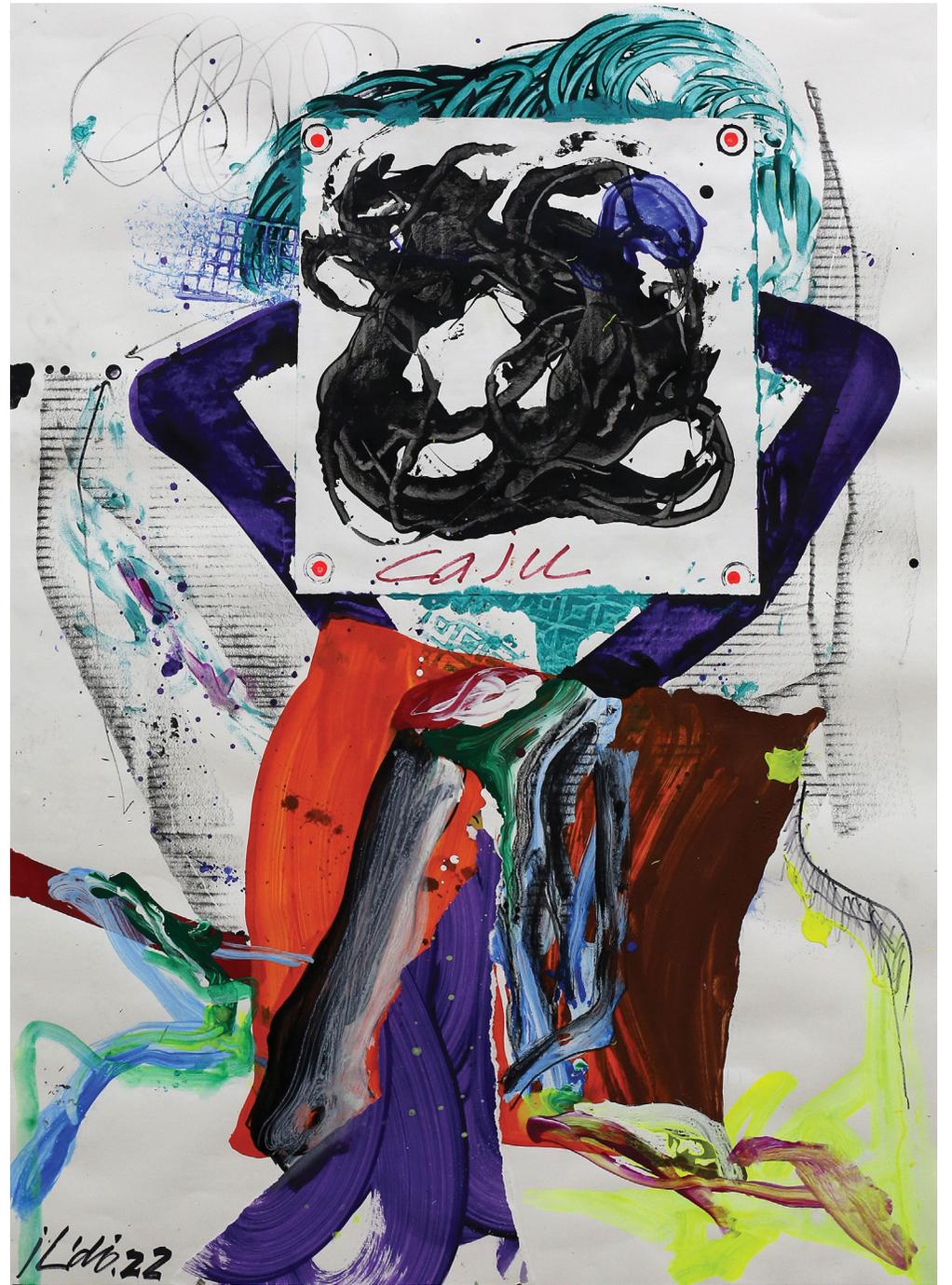
²'The New Negro' [1925] é uma antologia de ficção, poesia e ensaios sobre arte e literatura africana e afro-americana de autoria do filósofo e escritor norte-americano Alain LeRoy Locke [n.1885 - 1954]. Para além das figuras ligadas a revolução no domínio literário e político [Claude McKay, Jean Toomer, Countee Cullen, Langston Hughes, Sterling Brwon James Weldon Johnson in Severino Ngoenha 2016 - 38]. No contexto moçambicano o bairro de Mafalala, situado nos arredores da cidade de Maputo é tido como o núcleo histórico da revolução sócio-cultural e política desenvolvida ao longo século XX. Para mais informações: [Severino Ngoenha, 2016].

Notabilizaram-se igualmente outros artistas plásticos de extrema importância na luta pela revolução, tal como foram os casos dos que seguem: Jacob Lawrence [1917 - 2000], Augusta Savage [1892 - 1962], Aaron Douglas [1899 - 1979], Lois Mailou Jones [1905-1998], Jacob Lawrence (1917-2000), Augusta Savage [1892-1962], James Van Der Zee [1886-1983], Richmond Barthé [1901-1989] e Charles Alston [1907-1977], in [Culture Trip, s/d].

³Eduardo Chivambo Mondlane [n.1920 - 1969] foi um dos fundadores e primeiro presidente da Frente de Libertação de Moçambique, a organização que lutou pela independência de Moçambique do domínio colonial português.



olhando para o passado
mista s/ tela, 100 x 65cm, 2019



voodoo #11
mista s/ tela, 100 x 75cm, 2022

entre a arte histórica africana e as práticas contemporâneas. Pese embora nem sempre as suas relações são aparentes segundo o autor.

A par disso, a pintura de Ilídio Candja Candja está inteiramente mergulhada nessas práticas artísticas contemporâneas em alusão de que cruzam o passado e o presente no rasto da futuridade. Razão pela qual, o artista através da sua criatividade apresenta a magnificência vontade de regressar às raízes profundamente africanas. Olhando para o passado não apenas como espaço, tempo e momento caducado, mas sim como estratégia de autodeterminação e subversão artística. Tal com rigorosamente afirma Marcus Garvey [n.1887-1940]: in [Charles Siefert, 1938] *'um povo sem o conhecimento da sua história, origem e cultura é como uma árvore sem raízes'*⁴. Por seu turno, o cientista social senegalês Cheikh Anta Diop (1974), autor da faustosa obra *'The African Origin of Civilization'*, aponta que era necessário romper com o *'clichê de que os africanos são inexistentes cultural e historicamente, não tinham história e tentar começar a partir daí a construir algo modestamente'* [Diop, 1974: 15 – 16]. Este posicionamento é facilmente visível no espírito que emana a pintura do Candja Candja, a luz destas declarações diversos aspectos podem ser observados no corpo pictórico da mesma. A destacar o conjunto das obras que compõem a exposição, das quais apresentam vibrações cromáticas explosivas, traços líricos, ritmos, sinfonias em pleno estado anacrônico, onde ressaltam instantaneamente entre o primeiro e segundo plano manchas com gravações de distintas palavras tais como *'Mapiko, Chigubu'* e entre outras.

Proseguindo, algumas obras desta mostra remetem-nos para a [des]codificação de uma escrita desconhecida em extremo processo de dualidade e dicotomia, isto é, em desuso ou em transformação. Ainda que não de forma aparente, escritas desta natureza despertam analogias com as originárias das tribos e reinos africanos assolados pelo processo de epistemicídio cultural [Boaventura Santos e Maria Meneses, 2009], ao longo do decurso dos horrores da modernidade [Walter Mignolo, 2011]. A destacar para além dos recorrentes hieróglifos egípcios, outros menos evidentes designados por escrita Meroítica⁵, Mandombe⁶, só para citar algumas. Com pressuposto nestas expressões gráficas, o autor

ressignifica, [re]cria novas narrativas e linguagens visuais compostas por símbolos, letras e sobreposição de manchas coloridas, das quais provocam o diálogo enigmático em torno do estado do conhecimento ancestral em decadência na contemporaneidade. De outro ponto de vista, estas obras quando observadas atentamente pode-se [des]codificar vários elementos no meio do caos cromático, composto por rasuras, pichagens, marcas de signos visuais e sonoras. Os referidos elementos gráficos surgem associados à subjectividade e divindades da cultura tribal africana, que abrangem desde a deusa-mãe [Déesse mère], tida em algumas culturas como geradora da vida, terra, natureza e fertilidade feminina. Incluindo as esculturas tradicionais de origem Yoruba, Ashanti, Yohure, Baule e Wé. Nas palavras do artista, fundamenta ainda sobre o seu processo criativo, afirmando que:

'Interessa-me essa luz, a energia, fusão, fundir e criar algo. Em suma, acaba sendo um processo de introspecção, meditação da procura da luz, do som. Essa luz, esse som que me leva a um porto, espaço seja ele físico, virtual ou imaginário. O esplendor e a grandiosidade em torno das raízes é extraordinária, possibilitando, abrindo novos caminhos para a minha criatividade.'

[Ilídio Candja Candja, 2021].

Frisou o artista numa conversa pessoal. Desta forma procura melhor compreender o presente e reimaginar o futuro. Nesse processo à luz surge como leme que guia o horizonte ancorado no passado mas em permanente articulação com as vivências contemporâneas e suas problemáticas.

Titos Pelembe

Artista Visual e Investigador.

Doutorando em Educação Artística FBAUP.

Maputo, Janeiro de 2022 / 2024

⁴'A Race without the knowledge of its history is like a tree without roots' [Marcus Garvey in Charles Siefert, 1938].

⁵A escrita meroítica consiste em duas escritas alfabéticas desenvolvidas para escrever a língua Meroítica no início do Período Meroítico [século III a.C.] do Reino de Kush [actual Sudão].

⁶Mandombe ou Mandombé é uma escrita proposta em 1978 na cidade de Mbanza-Ngungu, província de Bas-Congo na República Democrática do Congo



Ilídio Candja Candja

Ilídio Candja Candja (n. 1976, Maputo), artista visual luso-moçambicano que integra a geração da independência de Moçambique, expressa o seu talento e a sua vivência sócio-cultural através da pintura. Em Maputo, frequentou o curso médio de Cerâmica na Escola Nacional de Artes Visuais entre 1997 e 1999. É membro da Associação Núcleo de Arte de Maputo. No seguimento da sua formação realizou diversas exposições na capital moçambicana até aos primórdios de 2005. Actualmente, Ilídio Candja Candja reside em Portugal, na cidade do Porto, onde daí trabalha para o mundo sem fronteiras.

Candja Candja conta com mais de uma dezena de exposições colectivas e individuais realizadas em países tais como: Moçambique, Portugal, França, Alemanha, África do Sul, Inglaterra, Bélgica, Espanha e Estados Unidos da América. Actualmente, a sua obra é representada pela Galeria This Is Not A White Cube, baseada em Lisboa.

produção e montagem

Ilídio Candja Candja
Titos Pelembe
ccfm

fotografia

José Sérgio

design e comunicação

matéria-prima

impressão

traços e tons

Exposições recentes:

2023 — ‘o silêncio negro em forma de Chocolate’, Johnson Lowe Gallery, Atlanta, EUA

2022 — ‘magnificência, luz e fusão I’, Galeria São Mamede, Lisboa, Portugal

2021 — ‘octopus e miopia’, Galeria Quadrum, Lisboa, Portugal

2019 — ‘memory and fantasy part #2’, Galeria São Mamede, Porto, Portugal; ‘Legacy’, Galerie Le Sud, Zurique, Suíça

2018 — ‘nothing is lost, everything becomes cosmos part #2’, Galerie Frederic Storme, Lille, França; ‘freedom, out of africa’, Contemporary Gallery, Barcelona, Espanha | ‘memory and fantasy’, Galeria São Mamede, Lisboa, Portugal

av. samora machel, 468 - maputo

reservado o direito de admissão